A inclusão do aluno com deficiência visual: uma análise preliminar no município de São Sebastião da Amoreira – PR

Inclusion of visual deficiency students: a preliminary analysis in the municipality of São Sebastião da Amoreira - PR

Suellen Jane Correia

Graduada em Geografia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP),
Cornélio Procópio Paraná, Brasil
suellen_correia11@hotmail.com

Eloiza Cristiane Torres

Doutora em Geografia, professora do departamento de
Geociências da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil
elotorres@hotmail.com

Resumo

Os recursos didáticos são abordados frequentemente pelo campo docente, pois são responsáveis em promover o processo de ensino aprendizagem dos alunos. Porém, cabe ao educador diversificar constantemente para atender a demanda em sala de aula. Já que, nenhum aluno aprende igual ao outro, cada um possui a sua singularidade, especialmente aqueles com necessidades educativas especiais. Assim, o objetivo central se baseou em compreender se os recursos cartográficos táteis estão sendo utilizados na rede regular de ensino, e como os professores lidam com os alunos com deficiência visual em suas disciplinas, mais especificamente nas aulas de geografia. Portanto, concluímos que realidade é tumultuosa os docentes sentem retraídos em lidar com os alunos com NEE, por inúmeros motivos citados por eles mesmo em entrevista como: formação inicial fragilizada, jornadas exaustivas, escassez de materiais para a confecção do recurso, carência de cursos de capacitação para os profissionais se prepararem para atender estes alunos. Portanto, todos esses apontamentos fazem com que os alunos sejam prejudicados no processo de ensino aprendizagem, afim de sanar este problema, espera-se mostrar aos professores ideias para inserir esse recurso em sala de aula, diminuindo assim o uso dos métodos descritivos e repetitivos com esses alunos.

Palavras Chaves: Mapas Táteis; Inclusão; Recursos Didáticos.

Abstract:

The teaching resources are often addressed by the teaching field, as they are responsible for promoting the process of teaching students' learning. However, it is up to the educator to constantly diversify to meet the demand in the classroom. Since, no student learns the same as the other, each one has its singularity, especially those with special educational needs. Thus, the central objective was to understand whether tactile mapping resources are being used in the regular education network, and how teachers deal with visually impaired students in their subjects, more specifically in geography classes. Therefore, we conclude that reality is tumultuous teachers feel withdrawn in dealing with students with SEN, for many reasons cited by them even in an interview such as: initial training fragilized, exhaustive days, shortage of materials for the making of the resource, lack of courses of professionals to prepare to serve these students. Therefore, all these notes cause students to be harmed in the teaching-learning process, in order to solve this problem, it is hoped to show teachers ideas to insert this resource in the classroom, thus reducing the use of descriptive and repetitive methods with these students.

Keywords: Tactile Maps; Inclusion; Didactic resources.

1. INTRODUÇÃO

A inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais na rede regular de ensino não foi um processo rápido muito menos fácil, necessitou de um reposicionamento de várias entidades para que se consolidasse com sucesso. Hoje em dia vemos que a inclusão é motivo de debate, uma vez que não basta que o aluno com NEE estejam matriculados na escola regular, mais sim que a escola abrace esse aluno em todos os aspectos, fazendo com que ele sinta pertencente dessa rede de ensino. E o grande agente nesse processo é o professor, ele é quem cultiva está semente nos seus educandos, sendo o mediador dos conteúdos e relações em sala de aula.

E como a sala de aula é um local que recebe uma diversidade de alunos cada uma com sua especificidade esperasse que os professores consigam atender esses alunos, no entanto a realidade e entristecedora, os docente acabam utilizando métodos que muitas vezes não atinge os alunos por completo, principalmente os alunos com NEE, tornando um desafio ensinar a eles.

Em disciplinas consideradas visuais como a geografia é um desafio maior, à partir dessa premissa a pergunta que norteou essa pesquisa consiste em se os mapas táteis fazem parte da realidade do aluno com deficiência visual. Portanto objetivando nos em compreender em como os docentes lidam com esses alunos, quais recursos são utilizados pelos mesmos. Assim, além mostrar aos professores duas maneiras de inserir os recursos cartográficos táteis em sala de aula a partir da realidade do aluno.

Tendo em vista, que esses métodos permitem que o aluno através da leitura tátil consiga compreender a mensagem que o mapa traz consigo, deixando seu aprendizado mais rico e prazeroso. No entanto, esta realidade está longe de ser inserida efetivamente nas redes regulares de ensino, uma vez que ainda temos uma informação limitada sobre está área, que cresce a passos lentos em todo país.

2. SÃO SEBASTIÃO DA AMOREIRA (PR).

O município de São Sebastião da Amoreira está localizado no Norte pioneiro paranaense, pertencendo à microrregião de Assaí. O município possui uma área de 228 km² e contém 8.952 habitantes, dos quais 88% são moradores da área urbana, gerando uma densidade demográfica de quase 40 hab./km² (IBGE, 2010; IPARDES, 2016). Os limites territoriais do município são: Assaí, a Oeste, Nova Fátima, a Leste, Nova América da Colina, ao Norte, Santo Antônio do Paraíso e Santa Cecília do Pavão, ao Sul.

No que diz respeito ao setor educacional o município conta com sete instituições de ensino sendo: sendo duas escolas municipais, uma escola de nível fundamental, uma de nível médio, uma APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais comércio e duas escolas privada.

3. O PERFIL DOS PROFESSORES

Foram entrevistados os professores do terceiro ao quinto ano das duas escolas da rede municipal de São Sebastião da Amoreira, e em conversa com os mesmos pode constatar os empecilhos enfrentados por eles diariamente. No momento o município conta com um aluno com baixa visão na rede municipal de ensino, tendo 1 professor para lhe auxiliar em tempo integral. Com este aluno, é trabalhado todas as disciplinas, mas no que envolve a área da Geografia, este aluno fica limitado somente a descrição feita pelo professor e quando questionada o motivo de ficar restrito a descrição a professora afirma que falta preparo para os professores para trabalhar com o aluno com deficiência. De tal modo, o que os docentes relataram com maior frequência sobre a necessidade de cursos para os mesmos se atualizarem para atenderem com maior precisão os alunos com NEE, já que sentem dificuldade em ensinar estes alunos, além da falta de material didático para atendê-los e confeccionarem materiais diferenciados como os mapas táteis. Tendo em vista a formação fragilizada faz com que os professores não explorem esta área, ficando somente em métodos descritivos não desenvolvendo todas as habilidades dos alunos com deficiência visual.

Quando questionado se os professores conheciam os recursos didáticos mapas táteis, houve três tipos de respostas, onde a primeira mais utilizada foi que não conheciam, a segunda mais falada foi que conhecia mais não sabia utilizar em sala de aula, e a terceira pouco mencionada foi que conheciam mais que não tiveram a oportunidade de utilizar, já que não tiveram alunos com deficiência visual na sua carreira docente. E por fim quando perguntado as dificuldades que os professores enfrentam em inserir estes recursos em sala de aula a resposta foram as mesmas, falta de recursos para a confecção do recurso, poucos materiais adaptados, baixa formação dos professores, pouco incentivo para a formação continuada dos docentes, todos esses percalços fazem com que esse recurso não seja uma realidade na rede regular de ensino.

Observou-se então que, além de realizar pouco o trabalho especializado com os alunos com NEE, os professores possuem dificuldades em encontrar materiais que representem o município. Deste modo, entendeu-se interessante levar até eles a discussão da cartografia tátil e também construir dois mapas que serviriam de base para trabalhos futuros dos professores, sendo que os mapas são instrumentos essenciais para ensinar geografia.

4. O RECURSO CARTOGRÁFICO TÁTIL COMO CONSTRUTOR DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA OS DEFICIENTES VISUAIS.

Antes de abordarmos a relevância dos recursos em sala de aula, necessitamos entender como foi o desenrolar das iniciativas para a educação dos deficientes visuais no Brasil, tendo em vista que é um processo que passa por mudanças constantemente. O contexto histórico dos deficientes visuais

assim como as demais deficiências foram um tanto quanto árduos, passaram momentos de violência, descaso e preconceito, não tendo o mínimo para viver, sendo obrigados a fazerem trabalhos braçais em troca de comida e moradia afastado dos grandes centros (CAPELLINI; MENDES, 2006). Nesta perspectiva, Lobo (1997) afirma: [...] seja qual for a causa, a cegueira era muito comum entre os escravos. É lamentável encontrar com tanta frequência um ou mais deles, levando barris cheios na cabeça, girando os globos oculares inúteis e tateando o caminho com seus bordões (LOBO, 1997, p.249).

Bem, como mostra a citação acima, vemos como era a vida dos deficientes visuais naquele período, mesmo sendo visto como inúteis tinham sua mão-de-obra escravizada para poder saciar os grandes latifundiários. No viés educacional, sempre adveio de forma vagarosa, somente no século XIX iniciou no Brasil uma instituição para atender os alunos cegos e com baixa visão foi a fundação Instituto dos meninos cegos, que era transposto de um modelo educacional francês (ROSA; DUTRA, 2006). No entanto, a participação neste instituto era restrita aos deficientes com uma condição social mais estável, como diz o discurso de um dos grandes nomes na época ao inaugurar este instituto. “O instituto está a todas as classes da sociedade, excluindo-se, é claro, os escravos” (ZENI, 1997, p. 99). No qual, mostra como os deficientes visuais de uma classe social inferior sofriam preconceitos, diferente dos deficientes visuais que tinham uma condição melhor. No entanto, naquele momento grande parte dos deficientes visuais eram os escravos.

Uma das regras do instituto era, que quem apresentava melhor facilidade para aprender continuaria no instituto, seguiam estudando e se aperfeiçoando, transformando futuramente em professores e aqueles que não aprendiam eram descartados para realizar trabalho escravo para manter o instituto funcionando, mas grande parte dos alunos que formaram professores acabaram saindo do instituto, pois buscavam uma educação igualitária a todos os deficientes visuais que necessitavam de um atendimento, e com o apoio de outros estabelecimentos formavam novos institutos de ensino em outros estados, como o institutos dos cegos no Brasil, localizado em Minas Gerais, anos depois com o instituto de cegos da Bahia, e igualmente com os demais estados brasileiros, onde tinha o objetivo além da educação era criar oportunidades para os mesmo terem uma vida digna. (ROSA; DUTRA, 2006).

Neste sentido, com o passar dos alunos a caminhada dos deficientes visuais foram se consolidando em vários setores, e na educação não seria diferente, tiveram vários incentivos para a produção de materiais especializados para atender os alunos com deficiência visual nos institutos. Até o grande passo, referente a confecção de material especializado para cegos foi a fundação Dorina Nowill que inaugurou em 1990, que até os dias atuais faz o trabalho de confecção de material tátil para os deficientes visuais (SANTOS, 2007). Com todos esses acontecimentos envolvendo a educação dos deficientes visuais, fez com que no ano de 1988, ocorresse a integração entre a educação

especial e o ensino regular de ensino, no qual foi fundado no artigo 208 da constituição federal, determinando que todos alunos devem estar inclusos nas escolares regulares (NORONHA; PINTO, 2014).

Hoje em dia, contamos com políticas públicas que dão subsídios para que aconteça a inclusão de alunos com deficiência visual na rede regular de ensino no país. Conforme a “Declaração de Salamanca, assegura que a práticas inclusivas nas escolas integradoras, recomenda que todas as crianças, sempre que possível, devam aprender juntas, independentemente de suas dificuldades e diferenças” (UNESCO, 1994, p. 20).

Para que, exista esse processo de inclusão no ambiente escolar, é necessário que haja o comprometimentos de todos dentro do recinto, criando subsídios previsto por lei para acolher os alunos com necessidades educativas especiais, tendo em vista que não basta somente incluir este aluno na rede escolar, mas a escola tem que se preparar para atender este aluno além da estrutura física e pedagógica. Um dos membros mais importantes nessa jornada são os professores, sendo essenciais nesse processo, porque é ele quem está em contato constantemente com o aluno com NEE, então ele deve proporcionar um ambiente que promova o respeito e individualidade a todos os alunos, para que isso aconteça o mesmo deve utilizar métodos pedagógicos diversificados junto com técnicas e recursos para cada aluno, e com materiais didáticos apropriados para a aprendizagem do discente, além de efetuar relatórios evolutivos, integrar os pais no processo educacional das crianças e estudando estratégias apropriadas a necessidades de cada criança, para que ocorra uma inclusão com êxito (JIMÉNEZ, 1997).

Os recursos didáticos são extremamente importantes nas aulas, pois são instrumentos utilizados pelos professores para ensinar os alunos de modo mais didático. Assim, cabe aos docentes fazer o uso de recursos que mais se adequem as necessidades dos alunos, uma vez que “criança de visão normal, a deficiente visual necessita de motivação para a aprendizagem; alguns recursos podem suprir lacunas na aquisição de informações pela criança deficiente visual” (CERQUEIRA; FERREIRA, p. 01 S/D). Neste sentido, podemos compreender a importância deste material no processo de ensino aprendizagem do aluno, deixando mais fácil e prazeroso este processo, no entanto grande parte dos professores acabam utilizando mais os “básico” em sala, não usufruindo dos variados recursos existentes no sistema de ensino.

Sobre a variação desses recursos didáticos Cerqueira e Ferreira S/D afirmam:

De um modo genérico, os recursos didáticos podem ser classificados como: Naturais: elementos de existência real na natureza, como água, pedra, animais. Pedagógicos: quadro, flanelógrafo, cartaz, gravura, álbum seriado, slide, maquete. Tecnológicos: rádio, toca-discos, gravador, televisão, vídeo cassete, computador, ensino programado, laboratório de línguas. Culturais: biblioteca pública, museu, exposições. (CERQUEIRA; FERREIRA, p. 01 s/d).

Com isso vemos quanto são variados os tipos de recursos existentes no meio de ensino, de tal modo que a pratica do recurso em sala de aula, deixa o aprendizado mais prazeroso e lúdico, gerando resultados positivos aos alunos, sem os recursos as aulas podem se tornar maçante, cansativa. Nicolas et al. (2016) citados por Silva et al. (2012, p. 2) afirmam sobre os recursos didáticos.

Não resta dúvida que os recursos didáticos desempenham grande importância na aprendizagem. Para esse processo, o professor deve apostar e acreditar na capacidade do aluno de construir seu próprio conhecimento, incentivando-o e criando situações que o leve a refletir e a estabelecer relação entre diversos contextos do dia a dia, produzindo assim, novos conhecimentos, conscientizando ainda o aluno, de que o conhecimento não é dado como algo terminado e acabado, mas sim que ele está continuamente em construção através das interações dos indivíduos com o meio físico e social. (BECKER, 1992 *apud* SILVA et al., 2012, p. 2).

Com base na afirmação acima, vemos como é um recurso importante no processo de ensino, pois são alternativas que fazem parte do cotidiano do docente, e o professor por meio de suas análises deve conhecer as potencialidades e dificuldades de cada aluno, para que consiga direcionar um método preciso visando a aprendizagem dos alunos. Portanto, um método pouco utilizado mais que gera resultados excelentes são os recursos cartográficos táteis, são extremamente válido para a aprendizagem de geografia, já que ele possibilita ao aluno uma ampliação da visão de mundo utilizando seus sentidos para criarem sua autonomia, facilitando a interação do aluno com a sociedade. Portanto, cabe ao professore mergulhar neste universo tátil, para que o aluno se sinta ativo neste processo. Porém o que vemos é que muitos professores ao ensinar geografia ao um aluno com deficiência visual apenas verbaliza os conteúdos, fazendo a descrição de elementos como paisagem, clima entre outros, essa verbalização acaba sendo negativa para o aluno. Por isso faz se necessário a implementação dos mapas táteis, que segundo Zucherato et al. (2012, p. 151) “consiste em uma área específica da cartografia dedicada ao desenvolvimento metodológico e à produção de material didático, para alunos com deficiência visual” no qual os mesmos autores completam que “[...] corresponde a mapas, maquetes e gráficos táteis”.

Loch (2008 p. 39) contribui com a seguinte explanação: “Desta forma, os mapas táteis, principais produtos da cartografia tátil, são representações gráficas em textura e relevo, que servem para orientação e localização de lugares e objetos às pessoas com deficiência visual”. Deste modo, por meio dos tatos deficientes visuais vão fazendo a leitura do mapa, descobrindo a mensagem que o mapa expõe. Todavia, não são todas as texturas que podem ser utilizadas nesse processo, pois elas devem ser agradáveis ao toque, possuir texturas diferentes para que os alunos consigam fazer a distinção, e para os alunos com baixa visão necessita de nuances intensas e distintas, para que os mesmos não se confundam além de que a informação deve ser escrita em Braille (VENTORINI, 2007). Com isso, vemos que apesar dos mapas táteis não terem uma padronização especifica, uma vez

que a matéria-prima disponível para a sua produção pode variar de um país a outro, eles devem ser confeccionados referente a alguns princípios como citado acima (OKA, 1999).

5. RESULTADOS: O MUNICÍPIO E SUA REPRESENTAÇÃO

Como este recurso é pouco utilizado em sala de aula, ainda surgem várias dúvidas recorrente ao tema, a respeito de a sua confecção, das quais habilidades irão desenvolver no alunos entre outros aspectos. Para confeccionar os mapas táteis recomendam que as texturas sejam agradáveis ao toque, podendo utilizar desde a algodão, EVA de cores contrastantes, como crepom, papel ondulado e papelão, além de que sejam cores contrastantes, pois podem ser utilizados por alunos com baixa visão. No entanto, deve respeitar princípios como nos mapas tradicionais, como legenda, escala, título, norte geográfico e com a escrita em Braille, que pode ser feita com o Reglete (instrumento utilizado para escrita em Braille).

Portanto, como é importante partir da realidade do aluno, foram realizados dois mapas do município de São Sebastião da Amoreira, o primeiro referente a sua localização (Figura 1) e o segundo dos seus limites (Figura 2). A partir desses mapas, os professores poderão mostrar aos alunos o local onde vivem. E como possui a escrita em português os demais alunos poderão utilizar o mapa, permitindo assim que haja uma interação entre os alunos em sala de aula.

O mapa de localização do município, está escrito em Braille e língua portuguesa, a textura utilizada foi o papel ondulado na cor laranja, e com um pingente na cor dourada representando o município.

O mapa de limites necessitou de variadas texturas, nele utilizou EVA com *glitter*, Cascas de lápis, bolinhas feitas com papel crepom, papel com textura em camurça, caixinha de fosforo pintada, papel ondulado para legenda, esse mapa mostrou como pode utilizar materiais baratos reutilizáveis como o caso da caixa de fosforo. A montagem, vai de acordo com a criatividade do professor. No entanto, os professores queixaram se da falta de materiais para confecção dos mapas, mas como mostra o mapa acima, pode ser utilizado uma gama de papeis para textura, inclusive reciclar os materiais.

Figura 1 – Localização do Município de São Sebastião da Amoreira – PR.

Fonte: Correia, 2018

Figura 2 – Limites Territoriais de São Sebastião da Amoreira – PR

Fonte: Correia, 2018

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, conclui-se que a inclusão foi implantada em um contexto de exclusão, logo, faz-se necessário que a formação de professores possibilite identificar esses mecanismos excludentes, e modifica-los a tempo. Ainda falta muito a ser feito neste trajeto, a inclusão é um processo árduo, longe de estar acabado.

E a rede básica de ensino, ainda conta com inúmeros impasses a serem quebrados, pois falta investimento para os professores se aperfeiçoarem em suas jornadas acadêmicas, no qual em conversas com os docentes os mesmos sentiram a necessidades de um curso, ou palestras referente ao tema, pois muitos professores trabalham com os recursos que tem com esses alunos, pois ainda falta material específico dentro do ambiente escolar. Uma saída é reutilizar materiais que temos em casa, reutilizar materiais recicláveis como papelão, jornal entre outros.

No município de São Sebastião ainda falta muito a ser feito para mudar esse patamar, esses exemplares de atividades serão doadas para as instituições a fim de incentivar os próprios professores a buscarem meios para aprenderem a confeccionarem e a inserirem esse recurso em sala, afim de melhorar a qualidade da aprendizagem do aluno com deficiência visual.

REFERÊNCIAS:

CAPELLINI, V.L.M.F; MENDES, E.G. **História da Educação Especial: em busca de um espaço na História da Educação Brasileira.** In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS, 7, 2006, Campinas. **Anais...** Campinas: FAEPEX - UNICAMP, 2006. v. 1.

CERQUEIRA, J. B.; FERREIRA, E. de M. B. Recursos didáticos na educação especial. **Revista Benjamin Constant**, v. 5, p. 24-29, 1996.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Cidades.** São Sebastião da Amoreira (PR). 2016. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php?lang>>= acesso em 10 abril. 2018.

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Caderno estatístico:** município de São Sebastião da Amoreira (PR), 2016. 42 p.

JIMÉNEZ, B. Modalidades de escolarização. A classe social e a classe de apoio. In BAUTISTA, R. (coord.). **Necessidades Educativas Especiais.** Lisboa: Dinalivro, 1997. p. 37-51.

LOBO, L. F. **Os infames da história: a instituição das deficiências no Brasil.** Tese (Doutorado em psicologia clínica) – Departamento de Psicologia Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1997.

LOCH, R. E. N. Cartografia Tátil: mapas para deficientes visuais. **Portal da Cartografia**, Londrina, v.1, n.1, maio/ago., p. 35 - 58, 2008.

NICOLA, J. A.; PANIZ, C. M. A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no ensino de biologia. **Infor, Inov. Form., Rev. NEaD-Unesp**, São Paulo, v. 2, n. 1, p.350-375, 2016.

NORONHA, E. G.; PINTO, C. L. **Educação especial e educação inclusiva: Aproximações e convergências**. Cuiabá: SEDUC, 2014. Disponível em: <<http://www.catolicaonline.com.br>>

OKA, C. M. **Mapas táteis são necessários?** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCADORES DE DEFICIENTES VISUAIS, 9, 1999, Guarapari, ES. **Anais...** Guarapari, 1999. 1 CD-ROM.

ROSA, E. R. da; DUTRA, M. C. **Pessoas Cegas: trabalho, história, educação e organização no Brasil**. In: HISTEDBR - História, Sociedade e Educação no Brasil. VI Seminário de Estudos e Pesquisas - 20 Anos de HISTEDBR: Navegando pela História da Educação Brasileira, 2006, Campinas/SP. VI Seminário de Estudos e Pesquisas. História, Sociedade e Educação no Brasil. 20 Anos de HISTEDBR: Navegando pela História da Educação Brasileira, 2006. p. 01-26.

SANTOS, M. J. dos. **A escolarização do aluno com deficiência visual e sua experiência educacional**. 2007. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia Faculdade de Educação, Salvador, 2007.

SILVA, P. A.; VENTORINI, S.E.; CARVALHO, L.H.V.V.; ROCHA, P. H.. **Cartografia tátil: elaboração de material didático como apoio ao ensino/aprendizagem de Geografia**. In: SIMPÓSIO MINEIRO DE GEOGRAFIA, 1, 2014, Alfenas. **Anais...** p. 1916-1930.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: CORDE, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 22 out. 2011.

VENTORINI, S. E. **A experiência como fator determinante na representação espacial do deficiente visual**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2007.

ZENI, M. **O Imperial Instituto dos Meninos Cegos: Benjamin Constant e o Assistencialismo (segunda metade do século XIX)**. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1997.

ZUCHERATO, B.; JULIASZ, P. C. S.; FREITAS, M. I. C. Cartografia tátil: mapas e gráficos táteis em aulas inclusivas. In: REIS, A. B. dos (Org.). **Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos**. 1.ed.São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 150-165.

Trabalho enviado em 11/05/2018

Trabalho aceito em 11/06/2018